

## **Da dificuldade de ver o mundo como ele é Crítica a uma razão pouco crítica**

Paulo Roberto de Almeida  
(pralmeida@mac.com; www.pralmeida.org)

Tomei conhecimento, em 14/11/2003, do artigo de Cesar Benjamin, “O triunfo da razão cínica”, publicado no corrente número da revista *Caros Amigos* (Ano VII, nr. 80, novembro 2003, p. 19), e praticamente ao mesmo tempo da auto-crítica preparada pelo mesmo autor, e que pretendia paliar alguns dos possíveis efeitos desse artigo junto a seus leitores (ou junto aos eventuais destinatários da crítica original, o que caberia esclarecer). A leitura desse artigo despertou-me o desejo de formular comentários sobre seus argumentos, o que fiz de modo sistemático, daí a razão de ter dado título e subtítulo ao presente texto, uma vez que esse artigo me parece extremamente representativo de um certo pensamento das esquerdas brasileiras em relação ao governo Lula, com o qual muitos leitores da revista também tenderiam a concordar.

Como não concordo, no essencial, nem com os principais elementos do artigo do Cesar Benjamin, nem com as suposições mais freqüentemente alimentadas pela oposição de esquerda em relação ao governo Lula, permito-me alinhar minhas observações ao mesmo, distribuídas de forma intercalar ao referido artigo, agregando inicialmente alguns poucos comentários e, ao final, mais algumas observações sobre a “auto-crítica” do mesmo autor.

O texto em questão me parece revelar as melhores virtudes e os piores defeitos da visão acadêmica do mundo e da opinião acadêmica sobre o governo Lula, que poderiam ser caracterizados por estas poucas assertivas, obviamente caricaturais: “não foi por esse ‘projeto’ e por esse tipo de governo que nós, acadêmicos, e conosco todo o povo brasileiro, votamos em outubro de 2002 e pelo qual lutamos de forma denodada durante tantos anos e com tantos sacrifícios pessoais; eu e todos os que assistimos atônitos à continuidade das linhas básicas do FHC-malanismo travestido de ‘política social’ repudiamos o tipo de política econômica que vem sendo aplicado pelo governo Lula e desde já declaramos nossa oposição a ‘tudo isso que está aí’; declaramos que pretendemos continuar nossa luta pela realização dos verdadeiros ideais que estiveram na raiz da fundação do PT e pelos quais continuaremos a lutar o ‘bom combate’; voilà!”.

Exagero meu? Talvez, mas o fato é que o artigo de Cesar Benjamin revela as ‘melhores virtudes’ do pensamento acadêmico no sentido do comprometimento com uma perspectiva supostamente mais ‘justa’ do mundo, com a realização dos ideais de justiça social, de uma política ética, de mais igualdade e bem-estar social, enfim com todos aqueles objetivos de uma Nação mais igualitária, um Estado soberano e desenvolvido. Ele também revela os ‘piores defeitos’ no sentido de exibir uma visão principista do mundo, ignorante das realidades da governança concreta, desconhedora das limitações de qualquer poder em face de restrições orçamentárias, romântica ao ponto de acreditar que princípios vagos como ‘esperança’, ‘verdade’ ou ‘valores’ podem servir de guia na condução diária dos ‘negócios’ do Estado. Como disse no título deste meu texto, esse tipo de crítica tende a ignorar, ou a desconhecer, o mundo como ele é, para se refugiar na conhecida torre de marfim dos acadêmicos. Trata-se de uma dificuldade típica desse mundo de quem vive em um mundo à parte, que não é feito das mesmas dificuldades cotidianas de milhões de trabalhadores mas que tampouco é feito das dificuldades típicas dos governantes. Essa dificuldade, no caso dos acadêmicos tem um nome e ele deve ser claramente apontado: trata-se de pura “alienação”, para retomar um conceito caro a outro jovem filósofo alienado de outros tempos: ele mesmo, Karl Marx.

Deve-se, sem dúvida, saudar as virtudes reais e apontar os defeitos evidentes na análise pouco crítica (e bem mais cínica, no sentido filosófico) do artigo em questão, e nesta tarefa tentarei ser o mais objetivo possível, não escondendo a simpatia que me desperta a posição idealista de Cesar Benjamin, mas não renunciando à visão crítica que julgo dever exercer em relação a uma peça essencialmente impressionista e desprovida dos requerimentos mínimos de uma crítica objetiva, que deve ser observada segundo os padrões acadêmicos pelos quais ele deveria supostamente se guiar, isto é: (a) exposição de fatos objetivos em torno do PT, empiricamente observáveis por qualquer um; (b) correlação desses fatos com posições, programas ou projetos publicamente expressos; (c) diagnóstico ou análise crítica das supostas carências, lacunas e desvios dos fatos em relação às intenções proclamadas. Como está, o artigo de Benjamin revela apenas as frustrações pessoais de alguém comprometido com um outro tipo de ‘projeto’ — que diga-se de passagem não teve respaldo eleitoral, nem o autor foi mandatado nas urnas para representá-

lo — e que procura agora manifestar esse descontentamento de maneira impressionística e pouco objetiva. Dito isto, vejamos meus comentários tópicos.

-----

### **Observações tópicas de Paulo Roberto de Almeida ao artigo de César Benjamin:**

#### *1) “O triunfo da razão cínica”*

PRA: O título é obviamente chamativo e gratuitamente injurioso, pois parte de uma postura de suposta superioridade moral da parte de quem não tem, aparentemente, funções de comando no Partido dos Trabalhadores, não exerce cargo eletivo ou executivo, não assumiu responsabilidades governativas e não tem de prestar contas a ninguém, senão a seus eventuais leitores. O julgamento é peremptório e conferido por alguém que ostenta, supostamente, legitimidade moral ou intelectual para fazê-lo, o que, veremos, não é exatamente o caso.

#### *2) “A crise do PT é a mais profunda crise da esquerda brasileira. para o bem e para o mal, foi o PT a vanguarda política da nossa esquerda nos últimos vinte anos.”*

PRA: Destaque “de chamada”, do Editor da revista, de uma das frases mais contundentes do artigo, que revela um alto grau de frustração pessoal com o PT, mas se trata, obviamente de afirmação exagerada, que não guarda a mínima relação com a realidade, do PT, da esquerda ou do Brasil, como veremos mais adiante.

#### *3) “O Partido dos Trabalhadores está morrendo.”*

PRA: Os rumores sobre esse falecimento são grandemente exagerados. Na verdade, o PT já se transformou no maior partido do Brasil e possivelmente está se convertendo, se ainda não o é, no maior partido do Ocidente, graças a um extraordinário processo bem sucedido de acumulação de vitórias eleitorais e políticas, o que fez dele o verdadeiro centro copernicano do sistema político brasileiro. Todos os demais partidos circulam em torno do novo sol partidário e tem nele sua referência de posicionamento, em aliança ou oposição.

Quem desconhece essa realidade — e ela abre o artigo em questão — revela uma cegueira sociológica propriamente inimaginável para os padrões da análise acadêmica. Deve ser apenas por desejo de chocar o leitor e colocá-lo no ‘clima’ do artigo, pois a afirmação é completamente estapafúrdia e desconectada da realidade.

4) *“Nele não resta mais nenhum espírito transformador, nenhuma autenticidade, nenhum impulso vital.”*

PRA: Afirmações igualmente gratuitas, puramente impressionistas e pessoais.

5) *“Não tem princípios a defender. Não tem mais referências sobre coisa alguma, pois suas posições históricas – sobre a previdência, os transgênicos, a política econômica, o FMI ou qualquer outro assunto – estão sempre prontas a ser sacrificadas no balcão em que se fazem as negociações do momento.”*

PRA: Afirmações do mesmo teor, mas aqui com menos impressionismo e com uma aparente vontade de precisar as razões da alegada perda de rumos no PT. Contrariamente ao que diz o autor, o PT tem, sim, princípios a defender, apenas que ele não sabe quais são esses princípios, pois os consagrados historicamente em programa e proposta de ação são por demais vagos para impulsionar a ação governativa.

Diferente do que pensam os ideólogos e acadêmicos, um partido no poder não pode e não consegue governar com slogans, ou com princípios vagos e extremamente genéricos, mas sim a partir de diagnósticos precisos, com base numa certa experiência governativa e apoiando nas melhores técnicas de administração, o que o PT manifestamente não tinha — ou tinha em escala muito reduzida, com base nas poucas experiências municipais ou estaduais dos últimos anos — e ainda está longe de adquirir.

O que o autor refere como “posições históricas” eram na verdade posições de circunstância, eleitoreiras ou oportunistas — no bom sentido da palavra —, como ocorre aliás com qualquer partido, no Brasil ou alhures. O PT emergiu a partir de uma confusa crítica ao capitalismo realmente existente no Brasil, com posições aparentemente de esquerda, contra o FMI ou os abomináveis transgênicos (apenas porque eles supostamente prolongariam a dominação das odiadas multinacionais) e a favor de todos os “direitos dos trabalhadores”, contra o Estado e contra o capital, como se isso fosse sinal de progressismo ou igualitarismo social.

Essas alegadas “posições históricas” não estão sendo sacrificadas em nenhum balcão de negócios, em primeiro lugar porque elas eram históricas apenas no sentido em que foram repetidas, ingenua e levianamente, durante vinte anos, em segundo lugar porque o PT está realizando o necessário *aggiornamento* para governar, não para contentar os mesmos ideólogos de sempre, inclusive os seus próprios.

6) *“O PT não tem, nem pretende mais ter, projeto de sociedade.”*

PRA: Pode ser, como pode não ser verdade. O PT tem, obviamente, uma idéia difusa da sociedade que pretende para o Brasil, mas tudo depende de qual PT se está falando. Nisso, aliás, parece residir uma das maiores confusões mentais do autor do artigo: ele se refere, por vezes ao PT como partido de massas, por outras ao PT dos militantes de base ou aos quadros intermediários, feito de militantes ideologizados como ele, e por outras vezes ainda ao ‘PT nomenklatura’, isto é, ao comitê central que detém o poder de fato. Ele não se julga no dever de precisar a qual PT ele se refere a cada vez que menciona uma esperança do passado, critica uma manifestação do presente, ou faz predições catastróficas sobre o PT do futuro, o que, convenhamos, é uma tremenda dificuldade para quem lê o seu texto de modo contínuo.

Pois vejamos: o ‘projeto de sociedade’ de críticos como o autor do artigo pode até ser o mesmo que o da nomenklatura no poder, mas esses projetos não podem passar, obviamente, pelos mesmos canais e processos de realização concreta. Isto por uma razão muito simples: o projeto do Cesar Benamin é um projeto feito de palavras, de conceitos, de belas intenções, de utopias generosas e de grandes sonhos que deveriam ter um itinerário linear, entre o programa idealista aprovado duas décadas atrás e as promessas ‘ao alcance das mãos’ do presente. Nada a ver, obviamente, com as limitações orçamentárias, a crise gerencial, as dificuldades burocráticas e administrativas do Estado brasileiro concreto, com o qual têm de haver-se os membros da nomenklatura e os demais gestores do sonho do PT.

Dito isto, e feitas essas necessárias precisões e distinções metodológicas, a frase do autor revela, evidentemente, uma tremenda arrogância de acadêmico, ao decretar, de uma vez por todas, que o partido ao qual dedicou uma parte da sua vida está condenado a não mais ter projeto de sociedade, Convenhamos que se trata de um decreto imperial de difícil superação no reino dos mortais.

7) *“Tem apenas projeto de poder.”*

PRA: Exatamente isso, e seria muito estranho se assim não fosse. Todo partido que aspira ao poder — eles são organizados para isso — é propriamente “totalitário” em suas pretensões, no sentido em que a lógica que o move é basicamente a do poder puro. Quem duvida que poderia ser de outro modo?: apenas os idealistas que acham que os políticos se lançam em campanhas eleitorais por um nobre desejo de fazer o bem para os outros. Ninguém é Confúcio ou Jesus Cristo no mundo da política e o primeiro dever de todo

político, aquilo que o move fundamentalmente é simplesmente o de ser eleito, ou seja, de chegar ao poder (ou pelo menos a uma parte dele). Seu segundo dever, não é como poderiam pensar os ingênuos o de fazer o ‘bem’, mas o de ser reeleito, e assim por diante.

Acreditar que o PT não possa ou não deva ter um projeto de poder, ainda que não seja “apenas um projeto de poder”, seria suprema ingenuidade. Só tendo um verdadeiro projeto de poder poderia o PT lutar por suas outras idéias, que talvez a nomenklatura, os quadros intermediários ou a massa dos militantes possam saber quais são exatamente. Como eu não sou do PT, nem pretendo (re)elaborar seu novo programa, me eximo de dizer quais poderiam ser os elementos desse novo projeto de sociedade, mas entendo que quadros do tipo do autor deste artigo têm o dever e o direito de avançar idéias nessa direção, além e acima das críticas pontuais que possam fazer a determinados aspectos da condução atual da política do partido. Mas, críticas arrasadoras e sem recurso a esse suposto projeto não são, ao meu ver, muito úteis nesse processo de reconstrução de um partido que abandonou a condição fácil de oposição para a difícil situação de ‘situação’, justamente.

8) *“Essa volúpia desenfreada, sem ideal, cria o ambiente propício ao cinismo e à corrupção crescentes, a que estamos assistindo, pois a melhor maneira de se manter em cima é copiar os poderosos e se aliar a eles.”*

PRA: Pode-se concordar em parte com essas críticas, mas elas já tinha sido feitas quase um século atrás por sociólogos menos exaltados como Robert Michels, que traçou os principais elementos da chamada “lei de bronze dos partidos políticos”, antecipando algumas das críticas que vão aqui expressas. Curioso que elas se dirigiam a um partido, o Social-Democrata alemão, que ainda era, oficialmente pelo menos, um partido marxista.

9) *“Hoje, o militante de que o PT precisa, o que é valorizado pela direção, é o carreirista obcecado pelo sucesso rápido e a trajetória meteórica, disposto a dizer amém, pronto a desmentir amanhã, por qualquer pretexto, aquilo que defendia até hoje.”*

PRA: Esse tipo de observação também está compreendido nas análises feitas pelo sociólogo Michels, acima referido, e está exemplarmente representado na trajetória de outros partidos militantes que alcançaram o poder, como o PCUS da era Stalin, o PCC da era dos burocratas chineses (e também de outras eras mais militantes, como os episódios bárbaros da chamada “Revolução cultural”), assim como se encontra refletido em qualquer instituição que se burocratiza e que assume responsabilidades de comando que ultrapassam o universo estrito da vidinha partidária. Em Cuba não deve ser diferente, creio eu.

10) *“Os que construíram o partido e não se corromperam nele não têm mais lugar. Tornaram-se um estorvo. São enxovalhados. Estão sendo substituídos por filiados pela Internet e por gente arrebanhada pelos esquemas políticos tradicionais. Esquemas caros, como se sabe, pois esvaziados da militância voluntária que impulsionou o partido quando ele era jovem.”*

PRA: Trata-se, provavelmente, de mero reflexo de problemas intestinos, típicos da luta de aparelho, que parecem atingir o autor com uma certa contundência. Como acredito que esse tipo de questão apresenta escasso interesse social, ou nacional, eximo-me de tecer comentários a respeito. É um problema interno, do PT, que interessa apenas os seus quadros e militantes, e não à massa de leitores do artigo.

11) *“Para financiar essa operação e esse novo modo de ser, é cada vez mais tênue, no andar de cima, a separação entre política e negócios. Candidatos a deputado, até ontem meros assalariados, falam abertamente em levantar 10 ou 20 milhões de reais para suas campanhas, sabe-se lá de que forma. Candidatos a cargos mais altos aventuram-se em todos os tabuleiros. São as regras do jogo. Não há mais pudor. Todos caminham nus pelos salões.”*

PRA: Novamente, trata-se de um problema interno ao partido, que não caberia ficar discutindo num veículo público como uma revista mensal de caráter geral. Tenho também a mesma percepção do autor do artigo, mas como se trata de mera impressão pessoal, não fundamentada em dados concretos, prefiro não tecer comentários a respeito.

### **Valores esquecidos**

12) *“O PT tornou-se uma via de ascensão individual para a afluência material e o poder. Multiplicam-se as pessoas que se tornam subitamente importantes e que se sentem, assim, sem ter história nem biografia, sem ter passado nem futuro. Pobres de espírito, sempre ocupados nas articulações do momento – para a próxima convenção, a próxima nomeação ou a próxima eleição –, não lêem um livro, não se dedicam a conhecer bem assunto nenhum, não são solidários às dificuldades do povo brasileiro, não pretendem ser fiéis a uma idéia de nação. Suas lealdades se esgotam nos limites do grupo de interesse a que estão vinculados.”*

PRA: Excelente tema para uma sociologia dos partidos políticos, e creio mesmo que esse tipo de análise já foi tentado por outros autores mais capazes do que eu, como o sociólogo alemão referido mais acima. O trecho denota um certo despeito, ou frustração, por parte do autor, o que até compreendo, mas não possuo legitimidade intrínseca seja para concordar, seja para desmentir suas afirmações.

13) *“Valores como humildade, perseverança e ideal estão definitivamente fora de moda. Tudo agora é cálculo. Liberado para florescer, o oportunismo tem pressa. Tempo é poder. Tempo é dinheiro.”*

PRA: Decididamente, isto daria um romance à la Balzac. Ou, uma tragédia à la Isaac Deutscher, mas isso cabe ao leitor decidir. O fato é que ressentimentos vêm à tona, que julgamentos morais são proferidos, que condenações políticas são proclamadas, tudo num ambiente florentino, ou, quem sabe, num clima mais amargo de ‘adeus às ilusões’?

14) *“A crise do PT é a mais profunda crise da esquerda brasileira. Para o bem e para o mal, foi o PT a vanguarda política da nossa esquerda nos últimos vinte anos, e dentro dele foi vanguarda a Articulação.”*

PRA: Aqui se revela, ademais do exagero sociológico perpetrado contra toda evidência, como já referido ao início, um nítido sabor de combate de seitas no interior de um partido que sempre foi, abusando da expressão, um notório ‘saco de gatos’.

Sendo objetivo, eu diria que o PT foi a referência da esquerda — vanguarda seria uma expressão muito marcada politicamente — apenas porque todo o resto da esquerda brasileira era uma falência completa: partidos stalinistas que não percebiam sua própria decadência moral e política, partidos trabalhistas que eram na verdade caudilhescos ou populistas, partidos reformistas irremediavelmente elitistas (aliás, um pouco como o PT, que também recolheu uma parte da esquerda socialista de elite) e uma esquerda social tão confusa como ela sempre foi desde seus albores jacobinos ou termidorianos: voluntarista, anti-Estado (até chegar ao próprio), anti-capitalista (por puro preconceito ou ignorância), anti-imperialismo instintivo (por herança atávica do lénino-stalinismo), divisionista, com vagos projetos de reforma completa da sociedade, com muita prepotência e pouca tolerância, enfim, autoritária como qualquer movimento militante convencido de encarnar a ‘razão da História’ (seja lá o que isso queira dizer).

Com tudo isso, sendo o PT um partido gramscianamente ‘orgânico’, ele teve um certo sucesso eleitoral, de público, de imagem e, finalmente, político, ao conseguir conquistar o poder, não sem antes ter abandonado muitas idéias e princípios que o autor do artigo imputa apenas à fase pós-eleitoral. Na verdade, a opção pela transição para um novo modelo, de tipo reformista-capitalista, já estava feita bem antes das eleições, como estou certo que o autor concordará. Faltava apenas explicitá-la, o que aliás ainda não foi feito, ou pelo menos torná-la mais transparente, o que vem ocorrendo de forma clandestina e envergonhada desde o imediato período pós-eleitoral.

Existe, sim, uma crise da esquerda brasileira, mas essa crise não é a do PT. A crise da esquerda é a da cegueira e a da falta de qualquer perspectiva credível de poder, por absoluta incapacidade de formular um programa reformista-capitalista capaz de ser implementado de maneira clara e manifesta. Enquanto isso o PT, pragmaticamente, vem administrando um programa reformista-capitalista de forma inconfessada e clandestina, o que obviamente deixa essa outra esquerda perplexa e revoltada. Creio, pessoalmente, que não há nada que o PT possa fazer em favor dessa esquerda míope e sonhadora, a não ser, talvez, recomendar um pouco mais de experiência prática e um pouco de chá de camomila, para acalmar os espíritos e os ânimos exaltados.

15) *“Além de perseguir com coerência uma estratégia política e controlar com competência os principais aparatos de poder, ela propunha a toda a esquerda uma forma de luta estratégica, que, uma vez vitoriosa, seria capaz de abrir um período novo de ação política em nosso país: a eleição de Lula à presidência. Participávamos de múltiplas iniciativas militantes no cotidiano, e a cada quatro anos renovávamos nossa esperança em uma possibilidade especial, a de colocar Lula lá.”*

PRA: Anos de gloriosa esperança, experiência também conhecida por outras esquerdas ao redor do mundo. Algumas souberam aproveitar a oportunidade para se fortalecer socialmente e se aparelhar administrativamente, como o PSOE por exemplo; outras desperdiçaram a oportunidade numa estéril luta principista que as condenou ao fracasso, ao isolamento, quando não a um sangrento ostracismo, como a esquerda chilena. Cabe ao PT aproveitar a atual experiência para ser bem sucedido social, política e administrativamente, deixando os outros setores da ‘esquerda’ resmungando pelos cantos.

16) *“Durou menos de um ano a transição de um auge a uma crise. Hoje, a Articulação tem um poder que a esquerda nunca teve, mas não é vanguarda de mais nada, nem para o bem nem para o mal. É, simplesmente, outra coisa: um grupo que ocupa posições de mando em um Estado corrompido e conservador, forte para premiar e punir, fraco para transformar. Adaptado a ele, usa essas posições para negociar tudo com todos. Falar de um “governo em disputa” era um erro há nove meses. Hoje é apenas cumplicidade com o charlatanismo.”*

PRA: Mais uma vez uma disputa intestina na qual não pretendo ‘meter minha colher torta’. Creio aliás que se trata de uma questão que interessa a círculo reduzido de leitores, que não têm a mais mínima idéia de quantas correntes dividem o PT, de quais, exatamente, estão representadas na nomenclatura, ou nas instâncias dirigentes, e o que precisamente move as demais correntes: se simples disputa de poder ou grandes princípios ideológicos.

17) *“A cooptação do PT pelo sistema de poder é a mais vergonhosa de todas, pois vem desassociada de qualquer ganho real para a base social que ele deveria representar. Ao contrário, ele aceitou ser o algoz dessa base: a contar do início do governo Lula, teremos 1 milhão de novos desempregados em fevereiro de 2004, e os rendimentos do trabalho estão em queda livre.”*

PRA: Esse tal de ‘sistema de poder’ deve ser uma entidade poderosa e acima de tudo misteriosa, pois nunca ficamos sabendo ao certo de suas ações ‘clandestinas’, que, tal como acontece com as tais das ‘elites’, também agem na calada da noite, cooptando políticos, e outros candidatos, às benesses do poder sem que a massa dos militantes ou dos eleitores incautos possa sequer reagir contra essas apropriações e incorporações indevidas.

Pois então ficamos sabendo — o que até agora era desconhecido pelo comum dos mortais e mesmo pelos mais abalizados comentaristas políticos — que o PT foi ‘cooptado’ por um tal de ‘sistema de poder’ que não me parece muito claro, pois o autor se exime de qualificá-lo de modo claro. Seria demais pedir precisões a esse respeito?: quem, quando, como, onde e em que circunstâncias foi feita essa cooptação?; a nomenklatura resistiu muito ou se entregou alegremente aos novos devaneios do poder?; em que sentido ela é vergonhosa e como pode o autor julgar que ela veio ‘desassociada de qualquer ganho real para a base social que ele (PT) deveria representar’?; foi feita alguma investigação empírica para aferir que isso corresponde à realidade?; não há nenhuma chance que a nomenklatura o tenha feito por pragmatismo? Enfim, essas são as questões que me surgem ao ler as graves acusações contra o PT no poder.

Apenas numa questão de detalhe, não creio, pessoalmente, que o PT tenha sido algoz de quem quer que seja, simplesmente porque a questão do desemprego obedece a um ciclo econômico que já estava posto quando o PT assumiu o poder. Ele pode, no máximo, não ter seguido algumas recomendações irresponsáveis que pregavam uma política de “pau na máquina” para produzir de modo temporário e inflacionários alguns poucos milhares de empregos que depois seriam sacrificados na crise inevitável que se seguiria ao período de bonança artificial assim provocado.

18) *“A previdência pública foi desmontada, e anuncia-se para breve o acerto de contas com a legislação trabalhista. Comparativamente a isso, a socialdemocracia europeia teve uma trajetória brilhante.”*

PRA: As duas afirmações refletem uma postura retrógrada, defensiva e anacrônica, e que revelam, exatamente, como a velha esquerda brasileira vive num mundo irreal de

‘felicidade bruta’, feita à base de privilégios corporativos, e às custas da Nação real. Previdência e regime de trabalho constituem, justamente, as duas faces perversas da desigualdade e da concentração de renda no Brasil e apenas uma esquerda míope, descompromissada de responsabilidades sociais ou governativas ou ignorante de qualquer estudo sério sobre o assunto, insiste em ignorar essas realidades. A comparação com a social-democracia europeia é, aliás, totalmente sem sentido, pois revela um total desconhecimento das diversidades locais e, eventualmente, das falências fiscais a que foram conduzidos determinados Estados europeus, caso tivessem seguido ou tenham aplicado regimes previdenciários ou laborais próximos dos vigentes no Brasil, com suas distorções, perversidades e iniquidades sociais.

19) “ *Nenhum de nós pede que Lula faça uma revolução.* ”

PRA: Contrariamente à afirmação, era isso mesmo, sim, a que aspiravam os quadros de uma certa esquerda ideológica, alguns até com laivos de vingança contra as execradas elites, algumas das quais se tornaram, aliás, os mais fiéis aliados do PT no poder, como certos coronéis e outros representantes de oligarquias regionais. O ideal seria que o PT tivesse feito uma revolução, muito embora alguns militantes, vindos das refregas dos anos 60 e 70, já estejam um pouco velhinhos para acreditar nessas grandes rupturas.

20) “ *Nenhum desconhece o cenário, nacional e internacional, que nos cerca.* ”

PRA: Sinto muito, mas ao ler certos artigos, manifestos e entrevistas na imprensa, que reflete com muita precisão e abrangência o que pensa essa esquerda, essa é exatamente a impressão que retiro do manancial de palavras, conceitos e idéias malucas que vejo constantemente nesses veículos públicos: a de uma imensa ignorância, a de um desconhecimento abissal sobre os cenários nacional, regional e internacional. Basta ver, por exemplo, esses documentos que emergem dos foros e conferências altermundialistas para constatar a imensa distância entre os diagnósticos e palavras de ordem — ‘um outro mundo é possível’, ‘uma outra América’ idem — e o mundo que nos cerca.

Uma única coisa me choca, e não é entre os jovens, pois estes têm o direito de ser ‘ignorantes’: é o de ver velhos militantes, senhores de gravata que de outra forma são circunspectos professores, pessoas de cabelos quase brancos, repetindo um arsenal de bobagens que fica muito bem em assembléias da UNE, mas que “cai muito mal” em se tratando de uma análise séria da realidade que, no entanto, eles parecem ignorar. Incrível,

pois essa realidade está todos os dias nas páginas dos melhores jornais, brasileiros e internacionais. Trata-se de um segredo digno da santíssima trindade para mim...

21) *“Pedimos apenas decência, espírito republicano e compromisso com um capitalismo regulado.”*

PRA: Outra vez Balzac, Dickens e John Dos Passos: muito bonito tudo isso, mas a exortação de fundo moral é um péssimo substituto a uma análise fria da realidade. O Brasil nunca deixou de ter capitalismo regulado: trata-se de um capitalismo subdesenvolvido, é verdade, mas ele é bem mais do que regulado, controlado, monitorado, tolhido em suas possibilidades de desenvolvimento irrefreado. Decência e espírito republicanos são virtudes cívicas, quase jacobinas, que trazem um certo ranço de autoritarismo e de auto-suficiência, pois implicam em que se disponha de um Big Brother qualquer para fazer a exata avaliação de quão decente ou quão republicano é o seu dirigente, o seu representante ou líder político. Quem vai julgar? Uma elite de sábios impolutos auto-designados?

22) *“Basta isso para que sejamos chamados de radicais, num país em que política e indecência sempre foram mais ou menos a mesma coisa, em que o Estado sempre foi um espaço de negociatas e em que, em vez de capitalismo, prevalece a bandalha. Insistimos nessas três coisas, porque por menos do que elas a própria atividade política já não vale a pena. Por menos, é melhor ir para casa.”*

PRA: Mais uma vez, um julgamento moral, quase à la Rui Barbosa, que denota um certo sentido de frustração no autor. Melhor deixar essas avaliações impressionísticas de lado, pois, para todos os efeitos práticos, elas valem tanto quanto seu exato contrário, isto é, muito pouco.

23) *“O que nos afasta do PT não são posições adotadas nessa ou naquela questão. São valores e princípios. É esse ilimitado pragmatismo de quem, uma vez no poder, não pode correr risco nenhum, nem mesmo o risco de dizer a verdade. No lugar da verdade, marketing, dissimulação e engodo, uma enorme operação de deseducação política do povo brasileiro. No lugar de uma ação coletiva, de baixo para cima, um líder que desmobiliza e que, como todo medíocre, começa a se considerar semideus. No lugar de um projeto, espertezas, um discurso para cada interlocutor. No lugar de diálogo, ameaças, chantagens, nomeações, demissões. No lugar da luta de idéias, movimentos sempre nas sombras. É o triunfo da razão cínica.”*

PRA: A arte do impressionismo, mais uma vez. Não cabe uma análise ou sequer uma refutação deste parágrafo, pois ele não reflete uma descrição ou diagnóstico, apenas um estado de espírito. Creio, pessoalmente, que o autor deve ter acumulado uma certa dose

de ‘discussões inúteis’ com representantes da atual direção do partido ou da nomenklatura do Estado, pois as frases parecem refletir essa desesperança.

### **Herança duradoura**

24) *“O chefe disso chama-se Luís Inácio Lula da Silva. Sua principal herança, para a esquerda brasileira, não será formada a partir de acertos e erros aqui e acolá, naturais na trajetória de qualquer pessoa. Sua herança mais duradoura será construída pela sistemática sinalização de valores negativos, que ele ajudou a difundir amplamente nos últimos anos. Isso é que é imperdoável.”*

PRA: Não pretendo adentrar nesta briga pessoal entre o autor e o chefe de Estado, mas o julgamento me parece ir um pouco além, pois os alegados ‘sinais negativos’ vêm supostamente sendo acumulados nos ‘últimos anos’. Como eles não estão referidos explícita e objetivamente, não pretendo, de minha parte, “meter minha colher torta” nessa discussão. Apenas me permito notar o tom de ‘grande inquisidor’ contido explicitamente na última frase: o perdão seria magnânimo, mas a falta de perdão é avassaladora.

25) *“Arrogante com os “de baixo” e subserviente aos “de cima”, desqualifica-se, pois o que se espera de um líder popular é exatamente o contrário: que seja humilde com os de baixo e firme com os de cima. Aos pobres, “seus filhos”, pede infinita paciência, enquanto atende com presteza aos reclamos dos ricos, os financiadores de campanhas.”*

PRA: As impressões podem ou não ser fundamentadas, mas o que cabe notar, do ponto de vista do observador externo, é a firmeza de julgamento moral que se depreende destas frases.

26) *“Desemprega 1 milhão de brasileiros e anuncia-se como aquele que resgata a auto-estima do Brasil. Considera-se corajoso porque tira direitos de enfermeiras, professores e barnabés, conduz serviços essenciais ao colapso, enquanto se dispõe a pagar pontualmente mais de 150 bilhões de reais em juros aos rentistas só neste ano. É o novo líder dos trezentos picaretas que denunciava. Logo lhes entregará mais ministérios.”*

PRA: As observações acima também se aplicam, mas aqui se pretende a um pouco mais de precisão, com a menção aos desempregados e a alusão aos ‘150 bilhões de reais em juros aos rentistas’ (descontando-se a imprecisão conceitual dos ‘barnabés’). Parece claro que os acadêmicos teriam preferido que o Estado petista tivesse criado um ou dois milhões de empregos, em lugar de desempregar número equivalente, ou que ele tivesse deixado de pagar juros aos rentistas, independentemente do fato que estes rentistas somos um pouco todos nós, que temos aplicações no sistema financeiro, inclusive, provavelmente, o autor destas cáusticas linhas. Ou ele vive só de salário e não tem nenhum dinheiro de reserva?

Apenas posso constatar, com isso, como os acadêmicos estão distantes da realidade, e vivem numa galáxia longínqua ou num universo paralelo, feito de boas intenções e de nenhuma dificuldade prática na arte da governança. Como seria bom se o mundo fosse governado por esses idealistas, interessados em fazer apenas o bem, jamais qualquer maldade, voluntária ou involuntária. Pena, mesmo, que esse tipo de gente nunca é eleita para nos governar. Por que será que essa infelicidade acontece?

27) *“Seu governo passará, mas sua liderança deixará na esquerda um extenso e duradouro legado: milhares de pessoas despreparadas e sem valores, que aprenderam no PT que fazer política é gerenciar interesses. Esses ficarão ainda por muito tempo, na forma de uma geração de gente perdida, que nunca lutou e foi derrotada. É isso que dói.”*

PRA: Bem, aqui o assunto deixa de ser nacional ou social, para interessar apenas a militância do PT e a esquerda que gravita em volta dela. Como não é minha seara, pois não pertenço aos quadros do partido prefiro, uma última vez, não ‘meter minha colher torta’. Reconheço, em todo caso, a sabedoria da frase: ‘seu governo passará’, o que é uma indiscutível verdade. A depender, porém, de pessoas como o autor, esse governo passará lofo em 2006, quando manifestamente o PT parece ter um projeto para vinte anos, ou mais.

Um último comentário caberia talvez em relação ao ‘pedido de desculpas’ do autor, que tem um tom de auto-crítica, mas que também resvala no profetismo, como é típico entre os acadêmicos. Ele diz que está arrependido do que escreveu, fundamentalmente por quatro razões: porque o artigo ‘é raivoso’, porque ele ‘é maniqueísta’, porque ‘homogeneiza realidades que são heterogêneas e nivela por baixo’ e, finalmente, porque ‘não ajuda a construir’.

Ainda que eu possa concordar com essas colocações, isso não tem a mínima importância para o presente debate. Não sabemos os motivos reais que levaram o autor a se desculpar, tirante o fato de que escreveu seu texto rápido demais, sem refletir muito. O fato é que ele torna a cair nos julgamentos peremptórios e sem recurso aparentemente, como revelado neste trecho: “O Brasil — e, dentro dele, a esquerda brasileira — pagaram muito caro por isso.”

Quanto ao Brasil eu não tenho muita certeza, pois as variáveis são muitas e eu não me arvo a faculdades de profeta, sobretudo em matéria econômica e social. Mas quanto às esquerdas, eu tenderia a concordar com o autor: essa miopia renitente, essa inconsciência

persistente, essa dificuldade constante em ver o mundo como ele é, essa impossibilidade em aceitar certas realidades do mundo concreto e, ao contrário, em tentar fazer com que o mundo seja ou apareça mais próximo dos sonhos e discursos dessas esquerdas, todas essas lacunas e carências imporão um certo preço político às nossas esquerdas. Em minha opinião, ela me parece condenada a patinar eternamente num mundo irreal, incapaz de se ajustar ao terreno concreto da governança e da responsabilidade social.

Como ‘projeto de torre de marfim’, talvez seja melhor assim, pois não há nada mais desesperante do que o choque da realidade para destruir discursos bem feitos e crenças muito arraigadas. Enquanto a esquerda permanecer na academia e não pretender se ‘conspurar’ com a pouco nobre tarefa de gerir homens e coisas, ela permanecerá com o direito de elaborar belas análises e cativar platéias passivas como podem ser os estudantes. Se ela pretender, porém, se lançar no terreno concreto da política real, terá de se desfazer de muitas ilusões, e isso pode ser mortal para ela. Pode representar nada menos do que o rompimento dos seus grilhões mentais: certas pessoas não resistiriam...

Finalmente, gostaria de alertar que eu, modestamente, antecipei muito do que viria a ocorrer, dentro e com o partido, numa série de artigos escritos ainda antes das eleições e que tinham como título comum “as conseqüências econômicas da vitória”. Esses artigos, com uma ou outra exceção — como um de circunstância sobre a fase de transição para a posse — foram publicados em meu livro *A Grande Mudança: as conseqüências econômicas da transição política no Brasil* (São Paulo: Editora Códex, 2003). Muitos deles estão disponíveis em meu website pessoal ([www.pralmeida.org](http://www.pralmeida.org)) ou no site da revista *Espaço Acadêmico* ([www.espacoacademico.com.br](http://www.espacoacademico.com.br)). Sim, também padeço do pecado original de ser acadêmico, mas o fato de ter trabalhado no setor privado e de estar trabalhando no e para os governos brasileiros pelo último quarto de século pode ter me inoculado com alguns anti-corpos contra a alienação acadêmica. Voilà!

Paulo Roberto de Almeida  
Brasília, 16 de novembro de 2003

-----

□.....

## O triunfo da razão cínica

por César Benjamin

A crise do PT é a mais profunda crise da esquerda brasileira. Para o bem e para o mal, foi o PT a vanguarda política da nossa esquerda nos últimos vinte anos.

O Partido dos Trabalhadores está morrendo. Nele não resta mais nenhum espírito transformador, nenhuma autenticidade, nenhum impulso vital. Não tem princípios a defender. Não tem mais referências sobre coisa alguma, pois suas posições históricas – sobre a previdência, os transgênicos, a política econômica, o FMI ou qualquer outro assunto – estão sempre prontas a ser sacrificadas no balcão em que se fazem as negociações do momento.

O PT não tem, nem pretende mais ter, projeto de sociedade. Tem apenas projeto de poder. Essa volúpia desenfreada, sem ideal, cria o ambiente propício ao cinismo e à corrupção crescentes, a que estamos assistindo, pois a melhor maneira de se manter em cima é copiar os poderosos e se aliar a eles. Hoje, o militante de que o PT precisa, o que é valorizado pela direção, é o carreirista obcecado pelo sucesso rápido e a trajetória meteórica, disposto a dizer amém, pronto a desmentir amanhã, por qualquer pretexto, aquilo que defendia até hoje.

Os que construíram o partido e não se corromperam nele não têm mais lugar. Tornaram-se um estorvo. São enxovalhados. Estão sendo substituídos por filiados pela Internet e por gente arrebanhada pelos esquemas políticos tradicionais. Esquemas caros, como se sabe, pois esvaziados da militância voluntária que impulsionou o partido quando ele era jovem. Para financiar essa operação e esse novo modo de ser, é cada vez mais tênue, no andar de cima, a separação entre política e negócios. Candidatos a deputado, até ontem meros assalariados, falam abertamente em levantar 10 ou 20 milhões de reais para suas campanhas, sabe-se lá de que forma. Candidatos a cargos mais altos aventuram-se em todos os tabuleiros. São as regras do jogo. Não há mais pudor. Todos caminham nus pelos salões.

### Valores esquecidos

O PT tornou-se uma via de ascensão individual para a afluência material e o poder. Multiplicam-se as pessoas que se tornam subitamente importantes e que se sentem, assim, sem ter história nem biografia, sem ter passado nem futuro. Pobres de espírito, sempre ocupados nas articulações do momento – para a próxima convenção, a próxima nomeação ou a próxima eleição –, não lêem um livro, não se dedicam a conhecer bem assunto nenhum, não são solidários às dificuldades do povo brasileiro, não pretendem ser fiéis a uma idéia de nação. Suas lealdades se esgotam nos limites do grupo de interesse a que estão vinculados. Valores como humildade, perseverança e ideal estão definitivamente fora de moda. Tudo agora é cálculo. Liberado para florescer, o oportunismo tem pressa. Tempo é poder. Tempo é dinheiro.

A crise do PT é a mais profunda crise da esquerda brasileira. Para o bem e para o mal, foi o PT a vanguarda política da nossa esquerda nos últimos vinte anos, e dentro dele foi vanguarda a Articulação. Além de perseguir com coerência uma estratégia política e controlar com competência os principais aparatos de poder, ela propunha a toda a esquerda uma forma de luta estratégica, que, uma vez vitoriosa, seria capaz de abrir um período novo de ação política em nosso país: a eleição de Lula à presidência. Participávamos de múltiplas iniciativas militantes no cotidiano, e a cada quatro anos renovávamos nossa esperança em uma possibilidade especial, a de colocar Lula lá.

Durou menos de um ano a transição de um auge a uma crise. Hoje, a Articulação tem um poder que a esquerda nunca teve, mas não é vanguarda de mais nada, nem para o bem nem para o mal. É, simplesmente, outra coisa: um grupo que ocupa posições de mando em um Estado corrompido e conservador, forte para premiar e punir, fraco para transformar. Adaptado a ele, usa essas posições para negociar tudo com todos. Falar de um “governo em disputa” era um erro há nove meses. Hoje é apenas cumplicidade com o charlatanismo.

A cooptação do PT pelo sistema de poder é a mais vergonhosa de todas, pois vem desassociada de qualquer ganho real para a base social que ele deveria representar. Ao contrário, ele aceitou ser o algoz dessa base: a contar do início do governo Lula, teremos 1 milhão de novos desempregados em fevereiro de 2004, e os rendimentos do trabalho estão em queda livre. A previdência pública foi desmontada, e anuncia-se para breve o acerto de contas com a legislação trabalhista. Comparativamente a isso, a socialdemocracia europeia teve uma trajetória brilhante.

Nenhum de nós pede que Lula faça uma revolução. Nenhum desconhece o cenário, nacional e internacional, que nos cerca. Pedimos apenas decência, espírito republicano e compromisso com um capitalismo regulado. Basta isso para que sejamos chamados de radicais, num país em que política e indecência sempre foram mais ou menos a mesma coisa, em que o Estado sempre foi um espaço de negociações e em que, em vez de capitalismo, prevalece a bandalha. Insistimos nessas três coisas, porque por menos do que elas a própria atividade política já não vale a pena. Por menos, é melhor ir para casa.

O que nos afasta do PT não são posições adotadas nessa ou naquela questão. São valores e princípios. É esse ilimitado pragmatismo de quem, uma vez no poder, não pode correr risco nenhum, nem mesmo o risco de dizer a verdade. No lugar da verdade, marketing, dissimulação e engodo, uma enorme operação de deseducação política do povo brasileiro. No lugar de uma ação coletiva, de baixo para cima, um líder que desmobiliza e que, como todo medíocre, começa a se considerar semideus. No lugar de um projeto, espertezas, um discurso para cada interlocutor. No lugar de diálogo, ameaças, chantagens, nomeações, demissões. No lugar da luta de idéias, movimentos sempre nas sombras. É o triunfo da razão cínica.

#### Herança duradoura

O chefe disso chama-se Luís Inácio Lula da Silva. Sua principal herança, para a esquerda brasileira, não será formada a partir de acertos e erros aqui e acolá, naturais na trajetória de qualquer pessoa. Sua herança mais duradoura será construída pela sistemática sinalização de valores negativos, que ele ajudou a difundir amplamente nos últimos anos. Isso é que é imperdoável. Arrogante com os “de baixo” e subserviente aos “de cima”, desqualifica-se, pois o que se espera de um líder popular é exatamente o contrário: que seja humilde com os de baixo e firme com os de cima. Aos pobres, “seus filhos”, pede infinita paciência, enquanto atende com presteza aos reclamos dos ricos, os financiadores de campanhas. Desemprega 1 milhão de brasileiros e anuncia-se como aquele que resgata a auto-estima do Brasil. Considera-se corajoso porque tira direitos de enfermeiras, professores e barnabés, conduz serviços essenciais ao colapso, enquanto se dispõe a pagar pontualmente mais de 150 bilhões de reais em juros aos rentistas só neste ano. É o novo líder dos trezentos picaretas que denunciava. Logo lhes entregará mais ministérios.

Seu governo passará, mas sua liderança deixará na esquerda um extenso e duradouro legado: milhares de pessoas despreparadas e sem valores, que aprenderam no PT que fazer política é gerenciar interesses. Esses ficarão ainda por muito tempo, na forma de uma geração de gente perdida, que nunca lutou e foi derrotada. É isso que dói.

César Benjamin é autor de A Opção Brasileira (Contraponto Editora, 1998, nona edição) e escreve uma análise mensal de conjuntura econômica brasileira na página [www.outrobrasil.net](http://www.outrobrasil.net).

-----  
PEÇO DESCULPAS  
11/11/03

César Benjamin

A revista Caros Amigos que irá para as bancas neste mês traz um artigo meu, intitulado "O triunfo da razão cínica", (o referido artigo segue abaixo) que, sob muitos aspectos, é equivocado e injusto. Dei-me conta disso ao relê-lo com calma no dia seguinte, mas uma infeliz sucessão de circunstâncias tornou impossível que eu corrigisse a tempo o meu erro. Deixem-me, primeiro, contá-las, para depois refletir rapidamente sobre as dimensões mais profundas do episódio.

Atrasei meu artigo do mês, por acúmulo de trabalho, de modo que a revista permaneceu com uma página aberta, à minha espera, tendo como prazo-limite as primeiras horas da manhã de uma segunda-feira. Só consegui redigir o texto no domingo à noite, emocionado e impactado pelo contato que tive, pouco antes, com militantes históricos do PT. Compartilhei com eles o clima de forte amargura com os rumos de uma instituição à qual todos entregamos, generosamente, muitos anos de vida. Como afirmo no artigo, não se trata de discordar dessa ou daquela posição, mas de constatar um processo que aponta para a falência da própria luta de idéias. Em diversas áreas, filiações em massa, despolitizadas, de origem desconhecida, estão tornando inviável qualquer expectativa de um debate honesto, numa tentativa ? que provavelmente será bem-sucedida ? de congelar o controle do partido nas mãos de grupos que têm mais recursos e menos escrúpulos em adotar esse padrão de comportamento. Para muitos militantes, constatar isso não é apenas uma questão de política abstrata. Vem associado a sentimentos pessoais bastante dolorosos.

Redigi meu artigo de uma só vez, sem muita reflexão e ponderação, contando relê-lo no dia seguinte. Saí, porém, atrasado. Enviei essa primeira versão sem a necessária revisão, que só fui fazer na hora do almoço, quando percebi o equívoco. Telefonei para a redação, para fazer correções, mas era tarde: a revista estava na gráfica. A responsabilidade, evidentemente, é toda minha.

Esta é a seqüência que, como disse acima, forma a história factual do episódio. É claro que ela não basta. Desde então, tenho procurado a raiz do meu erro, tentando deixar aflorar o maior conteúdo de verdade que eu possa conseguir perceber.

O artigo é fundamentalmente errado por, pelo menos, quatro razões. Primeiro, é raivoso, quando deveria ser apenas firme e claro. Segundo, é maniqueísta, com uma rígida divisão entre o bem e o mal que nunca corresponde ao que a vida é. Terceiro, homogeneiza realidades que são heterogêneas e nivela por baixo, deixando de enxergar diferenças importantes. Quarto, não ajuda a construir.

A única coisa boa que consigo extrair desse conjunto de erros, cometido de uma só vez, é que ele me levou a refletir com mais abertura e sinceridade sobre minhas próprias limitações. Vejo-as agora amplificadas.

Nosso país vive uma crise de grandes dimensões. Sua face mais evidente é a crise social, mas sua face mais profunda é o que poderíamos chamar de crise de destino. Ambas estão se acelerando visivelmente, no rumo de algum tipo de ruptura que terá de ocorrer, não se sabe quando nem em que direção. Sob certos aspectos, estamos em uma espécie de guerra civil não declarada. Isso não é jogo de palavras. Democracia, liberdade e cidadania já são meras abstrações para boa parte do

nosso povo, que apenas tenta sobreviver. Grupos sociais numerosos vivem em estado de anomia, sem regras, sem segurança de direitos básicos e sem perspectivas. Quem apura o ouvido percebe que há um desespero abafado se alastrando entre as pessoas. Minha angústia em relação ao PT e ao governo Lula diz respeito à pequenez com que ambos se comportam diante da catástrofe. O ruído surdo, que ela produz, talvez não chegue a Brasília.

O Brasil — e, dentro dele, a esquerda brasileira — pagarão muito caro por isso. Justamente porque estamos caminhando para situações-limite, cabe mais do que nunca um esforço crítico. Ele precisa ser claro, firme e duro, porém sempre repleto de compreensão, pedagogia e disposição para o diálogo com todas as pessoas honestas, desejosas de marcharem juntas para salvar o país. Muitas delas permanecem no PT.

À revista que generosamente tem acolhido os meus textos, aos seus leitores e a todos os que, com justa razão, possam ter se sentido agredidos com o meu artigo deste mês, eu peço sinceras desculpas.

César Benjamin

-----

Redação Caros Amigos  
redacao@carosamigos.com.br